

A estrutura correlativa aditiva ‘não só...mas também’ de uma perspectiva multissistêmica

Marcelo Módolo

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Universidade de São Paulo
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – 05508-900 – São Paulo – SP – Brasil

modolo@usp.br, marcelomodolo@hotmail.com

Abstract. *The Multisystemic Theory of Language, which has been proposed by Ataliba Teixeira de Castilho (1998), is assumed in this paper to argue for the diversity of the correlative construction in the Brazilian Portuguese. My intention is to show correlation as a set of properties which can be found in the discursive system, the grammatical system and the semantic system, restricting itself, here, to the formation of the correlative additive pair “not only...but also”.*

Keywords. *Syntax; correlation; Brazilian Portuguese; historical linguistics.*

Resumo. *A Teoria Multissistêmica da Língua, que vem sendo proposta por Ataliba Teixeira de Castilho (1998), é assumida neste trabalho para discutir a diversidade da construção correlativa no português brasileiro. Meu intuito é mostrar a correlação como um conjunto de propriedades encontráveis no sistema discursivo, no sistema gramatical e no sistema semântico, restringindo-se, aqui, à formação do par correlativo aditivo “não só...mas também”.*

Palavras-chave. *Sintaxe; correlação; português brasileiro; lingüística histórica.*

Introdução

As gramáticas do português costumam definir a coordenação como a relação sintática entre duas sentenças independentes e a subordinação como a relação sintática em que uma sentença subordinada completa o sentido de uma outra, chamada matriz. Com efeito, definições como essas são precárias, quando aplicadas à prática de análise. O mesmo acontece na classificação dos pares correlativos, que são classificados tradicionalmente entre as coordenadas e as subordinadas.

Uma proposta mais coerente é substituir a dicotomia coordenação e subordinação por um *continuum*, assim como já o propuseram Susumu Kuno (1973) e Talmy Givón (1990), entre outros. Nesse sentido, a correlação é entendida como uma etapa intermediária recortando esse *continuum* e dividindo propriedades ora com as coordenadas, ora com as subordinadas.

Meu objetivo é mostrar a correlação como um conjunto de propriedades encontráveis no sistema discursivo, no sistema gramatical e no sistema semântico, restringindo-me, aqui, à formação do par correlativo aditivo ‘não só... mas também’. Para tanto, assumo o quadro teórico que vem sendo desenvolvido em pesquisas recentes por Ataliba T. de Castilho (1998) e analiso o par em questão qualitativamente, tendo por base uma amostra do exemplário retirado de Barbosa e Lopes (2002).

1. Teoria multissistêmica da língua

A língua é um multissistema complexo e multifacetado, passível de ser compreendido somente como um conjunto de propriedades lingüísticas. De acordo com a Teoria Multissistêmica proposta por Castilho (1998: 15), o léxico, que funciona como fonte irradiadora dessas propriedades, é seu componente central, ao qual estão ligados três outros sistemas. O sistema discursivo abriga as negociações intersubjetivas que se desencadeiam no momento da enunciação: a constituição do locutor e do interlocutor, a seleção e elaboração de um tópico conversacional e as rotinas da conversação — o texto é o resultado dessas negociações. O sistema semântico é responsável pelos diferentes processos de criação dos sentidos lexicais (como a denotação, conotação, sinonímia, antonímia, hiperonímia, por exemplo); dos significados componenciais (referenciação, predicação, dêixis, foricidade etc.); e das significações interacionais (como inferências, e pressuposições). O sistema gramatical se ocupa das relações que se estabelecem entre as classes gramaticais, e das funções que essas classes desempenham no enunciado. Esse sistema compreende a fonologia, a morfologia e a sintaxe. Como unidades de cada um desses subsistemas, o fonema, o morfema, o sintagma e a sentença, dispõem cada um de propriedades descritivas. O léxico corresponde aos itens armazenados em nossa memória, marcados com propriedades semânticas e gramaticais. Tais itens funcionariam como a matéria prima na qual os três sistemas operam. Para Castilho (1998), nesse modo de ver a linguagem, não há prioridade de um sistema sobre o outro: os três agiriam concomitantemente — em forma radial — sobre as propriedades alçadas pelo componente central do multissistema, o léxico.

Partindo então das propriedades semânticas e gramaticais das correlatas, poderíamos destacar as propriedades que se encontram no sistema discursivo, no sistema gramatical e no sistema semântico da correlativa aditiva *não só...mas também*.

1.1 Amostragem da estrutura da correlação conjuncional

Abaixo estão exemplares dos tipos de correlação retirados do *corpus* de minha tese de doutoramento, cujo tema é “Gramaticalização das conjunções correlativas no português”, ver Módolo (2004). As siglas entre colchetes — que acompanham os exemplos — informam: estado e cidade; iniciais do nome do jornal; século e metade do século ao qual o texto corresponde (1ª. ou 2ª metade).

(1) Correlação aditiva: “Findos que foram os discursos, foram franqueadas as portas das modestas salas da exposição, *não só* aos convidados da festa, *mas também* a todo o povo que allí se achava agglomerado, (...)” [PE/RE DP 19/2]

(2) Correlação alternativa: “*Seja* sua queda dada entre as mãos dos aliados, *seja* dada entre os assomos d’essa heroica loucura que se chama suicidio; ella se realizará, (...)” [PE/RE DP 19 2];

(3) Correlação comparativa: “Não lhe retribuimos na mesma moeda; nem transcrevemos taes escriptos, porque desejamos *mais* felicidade do Brasil *do que* elles; (...)” [RJ/RJ OBI 19 1];

(4) Correlação consecutiva: “*Tanto* tem o contracto toda a força, como si houvesse escriptura publica, *que* o governo incluiu na concessão que nos foi feita a linha de que se trata; (...)” [BA/SA JN 19 2].

O exemplo (1) apresenta uma correlação aditiva, que é dada pelas expressões *não só e mas também*. Notamos que há soma de dois complementos nominais para o particípio passado: *franqueadas aos convidados da festa* e *franqueadas a todo o povo que alli se achava agglomerado*.

Na correlação alternativa (2), estabelecida pelas conjunções *seja...seja*, observamos duas sentenças de estruturas iguais, paralelas, que preservam sua integridade semântica, mas que, embora interligadas pelas conjunções, não são sintaticamente autônomas.

Em (3), o intensificador *mais* funciona como o primeiro termo da comparação e exige seu correlato, *do que*. Tal correlato deveria figurar no sintagma verbal (SV) de uma segunda sentença, mas a omissão desse SV é fato comumente descrito pelas análises sintáticas tradicionais do português. Outra possibilidade de análise é considerar que o segundo termo da comparação estabelece uma relação de adjunção com a sentença.

Em (4), a primeira sentença encerra o intensificador *tanto*, que exige a conjunção *que* na terceira sentença, obrigatoriamente. Essa restrição pode ser comprovada pela agramaticalidade de (4a), devido à omissão de *tanto*; bem como pela omissão de *que* em (4b):

(4a) * Tem o contracto toda a força, como si houvesse escriptura publica, *que* o governo incluiu na concessão que nos foi feita a linha de que se trata...

Provavelmente essa sentença seria gramatical na fala, por conta de uma prosódia distinta que seria possível imprimir a esse enunciado.

(4b) * Tanto tem o contracto toda a força, como si houvesse escriptura publica, o governo incluiu na concessão que nos foi feita a linha de que se trata...

É possível verificar que as expressões *tanto* e *que* estabelecem um encadeamento, do qual derivou em (4) a noção de conseqüência.

Essa amostra de frases correlativas ilustra uma relação de interdependência, ou seja, a estrutura frásica de duas sentenças que se correlacionam parece estar estreitamente vinculada por expressões conectivas que, no caso, são as conjunções *não só...mas também, seja...seja, tanto...que e mais...do que*.

De fato, essa interdependência tem sido destacada na literatura como o traço característico da correlação, como salientou Blanche Benveniste (1997: 100): “Dans une corrélation, deux parties sont mutuellement dépendantes: Tantôt il pleure, tantôt il rit. Dire l’une sans l’autre fait l’effect d’un énoncé interrompu, Tantôt il rit..., éventuellement utilisé comme tel.” No Brasil, quando descrevera a correlação comparativa, Melo (1954: 121) parece ter ido nessa direção: “Correlação é um processo mais complexo em que há, de certo modo, interdependência. Dá-se, neste processo, a intensificação de um dos

membros da frase, intensificação que pede um termo.” Assim, a correlação conjuncional pode ser caracterizada como um tipo de conexão sintática de uso relativamente freqüente, particularmente útil para emprestar vigor a um raciocínio, estabelecendo uma coesão forte entre sentenças ou sintagmas, e aparecendo principalmente nos textos apologeticos e enfáticos. A correlação exerce aí um papel importante, pois concorre para que se destaquem as opiniões expressas, a defesa de posições, a busca de apoio, mais do que apenas informar com objetividade os acontecimentos.

2. O par correlativo *não só...mas também*

2.1 Discursivização

A forma canônica do par correlativo em foco apresenta dois eixos argumentativos. Ela é, pois, polifônica como em (5), por exemplo: o “tratar da política” e o “(tratar) da educação popular, da indústria, da lavoura, das artes e das letras”:

(5) “O nosso jornal *não* tem *só* por missão tratar da politica, (...) *mas também* da educação popular, da industria, da lavoura, das artes e das letras.” [OP/MG CM 19 2]

Entretanto, quando a estrutura correlativa *não só... mas também* é usada no discurso, é possível se omitir um dos eixos argumentativos e veicular um conteúdo proposicional único. A polifonia parece ser uma opção discursiva.

A fim de refletir sobre como a expressão caracterizada polifônica *não só...mas também* se constrói, ou se construiu, é preciso pensar sua relação com outro dizer, que com ela se constitui(u). A questão não seria de escopo de operador, nem tampouco componencial, mas sim de relação interdiscursiva numa situação de enunciação (cf. Guimarães 1987: 143-4). Ou seja, é necessário dar conta do outro funcionamento que esse par correlativo apresenta ou resgata. Supondo as seguintes composições para a frase (5), observa-se que há uma nítida oposição entre direções argumentativas:

(5a) L1 O nosso jornal tem *só* por missão tratar da politica.

(5b) L2 Não é isso. O nosso jornal *não* tem *só* por missão tratar da politica,(...) *mas também* da educação popular, da industria, da lavoura, das artes e das letras.

A estratégia de L2 consiste em representar a perspectiva de L1, negando sua direção, e acrescentar a ela um outro argumento que, de certa forma, justifica a inversão realizada. Essa parece ser a função discursiva desse par correlato.

2.2 Semantização

As categorias cognitivas de focalização e de inclusão, nesse caso, formalizadas pelo advérbio *só* e pela conjunção *mas*, são responsáveis pela operacionalização da estrutura correlativa *não só...mas também*. Não é a expressão focal sozinha que ‘dispara’ a estrutura correlativa, mas sim a negação dessa expressão focal, ou seja, é *não só* que o faz. Em contrapartida, quando desfocamos algo/alguém, somos obrigados a acrescentar outro elemento, que pode desencadear uma comparação entre os elementos e não apenas uma adição dos dois. Esse acréscimo é feito pela conjunção *mas*. Essas categorias também são responsáveis pela quebra de linearidade da sentença, tirando sua sucessão temporal.

(6) Os homens armados *não só* entraram no restaurante, *mas também* renderam os funcionários.

Percebe-se que a correlação *não só...mas também* tira a sucessão temporal dos eventos. Ao se formular a frase coordenando as duas sentenças, observa-se que a linearidade e a sucessão temporal estão presentes. Obtém-se, assim, uma sucessão de eventos, devidamente marcada:

(6a) Os homens armados entraram no restaurante *e* renderam os funcionários.

No caso do par correlativo *não só...mas também* a bifurcação em dois eixos argumentativos faz com que haja uma quebra na sucessão temporal dos acontecimentos.

2.3 Sintaticização

Tratar elementos conjuntivos como um único constituinte descontínuo não é incomum entre os lingüistas. Diferentemente, Simon Dik não aceita tratar esses elementos conjuntivos como constituintes descontínuos, pois ele mostra que o segundo elemento do par correlativo pode funcionar (i) sozinho ou (ii) combinado com o primeiro.

It is not advisable to treat correlative coordinators as parts of single discontinuous constituents. In a case like *both...and*, though it is true that *both* requires a following *and*, the reverse does not hold: *and* can occur without *both*. Moreover, if *both...and* were a single constituent, the same would apply to *both...and...and*, to *both...and...and...and*, and so on ad infinitum. (Dik 1972: 45-46)

Com efeito, empregar o termo ‘descontínuo’ para tratar de estrutura correlativa não parece ser adequado, pois os dois elementos que a constituem não são uma unidade que se descontinua. Ao contrário, nesse tipo de estrutura são dois elementos que se correlacionam. Considerados como uma única conjunção, seria presumivelmente impossível dar o significado descritivo de cada uma de suas partes, ou de apenas um dos elementos do par correlativo. Esse parece ser o caso do português. Por exemplo, fazendo alguns testes formais para comprovar a interdependência dos dois elementos e sua autonomia como elementos conjuntivos, mormente o segundo elemento do par conjuntivo.

(7) “Consinta, pois, que deste modo elle dê a vossa senhoria um testemunho não equivoco do apreço em que tem a inteireza de seu character, *não só* como homem publico, *mas tambem* particular.” [PR/LO DD 19 2]

(7a)* Consinta, pois, que deste modo elle dê a vossa senhoria um testemunho não equivoco do apreço em que tem a inteireza de seu character, *não só* como homem publico, particular.

(7b) Consinta, pois, que deste modo elle dê a vossa senhoria um testemunho não equivoco do apreço em que tem a inteireza de seu character, como homem publico, *mas tambem* particular.

Na frase agramatical de (7a), devido ao fato de retirarmos a segunda parte da correlação *mas também*, a noção de focalização não se sustenta, pois é expressa por *não só*. Perde-se, ainda, a comparação estabelecida entre “homem público” e “homem particular”. Ao passo que a noção de inclusão expressa por *mas também* em (7b) torna a sentença sintaticamente possível. Nesse contexto, ao conservar ainda traços do advérbio latino de inclusão *magis*, de onde se originou, *mas* parece carregar em seu conteúdo gramatical uma espécie de memória etimológica. Desse modo, a interdependência entre

dois elementos conectivos, autônomos, parece ser o traço sintático que, de fato, marca as estruturas correlativas.

3. Considerações finais

Procurei mostrar que a correlação conjuncional deve ser tratada como um processo distinto de ligação sintática, diferente do tratamento dado nas tradicionais classificações de coordenadas e de subordinadas. Partindo da idéia de um contínuo de propriedades sintáticas, a correlação conjuncional está em uma posição intermediária, que se localiza no intervalo entre as duas categorias tidas como prototípicas, a de coordenação e a de subordinação. Sendo assim, a correlação possui traços tanto da coordenação como da subordinação.

Mais especificamente no caso da correlação aditiva *não só...mas também*, vista de uma perspectiva multissistêmica, discursivamente esse tipo de estrutura é polifônica, sempre com dois eixos argumentativos. Por isso, é uma estrutura particularmente freqüente em textos apologéticos e enfáticos. Semanticamente, as categorias cognitivas de foco e inclusão quebram a linearidade da sentença e tiram a sucessão temporal dos eventos. Gramaticalmente, os elementos conjuntivos correlativos *não só...mas também* são interpretados como duas unidades autônomas que se correlacionam. Essa interdependência sintática é o traço que distingue a estrutura de correlação não só da relação de coordenação, mas também da relação de subordinação.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Afrânio & LOPES, Célia (orgs.). *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores e cartas de redatores*. Rio de Janeiro: UFRJ. Versão digitalizada, 2002.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Approches de la langue parlée en français*. Paris: Ophrys (Collection L'Essentiel Français) 1997.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- DIK, Simon C. *Coordination: its implications for the theory of general linguistics*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1972.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. II, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo das conjunções do português*. Campinas: Pontes, 1998.
- KUNO, Susumu. *The structure of the Japanese language*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1973.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Novo manual de análise sintática*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.
- MÓDOLO, Marcelo. *Gramaticalização das conjunções correlativas no português*. 2004. 154 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.